

O Poder da Fé

Elaine Alves da Rocha <elainealves.ped@gmail.com>

Neiraldo Hidalgo Dixo <ndixo@sefaz.am.gov.br>

Rapahel Leone Santos Cunha <raphaelleone80@gmail.com>

Sarah Oliveira Cervantes <planetasarah@gmail.com>

Silvana Cavalcante de Almeida Hidalgo Dixo <silcda.29@gmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – O presente artigo busca investigar e compreender o poder e o papel da fé para a transformação dos indivíduos e, como consequência, de toda a sociedade, especialmente no seu aspecto moral, já que é também conhecida como a “mãe de todas as virtudes”. Dessa forma, procuramos abordar a definição de fé e suas manifestações relacionadas à crença humana ou divina, bem como a evolução da fé cega à fé raciocinada, e o papel do Espiritismo nesse processo. Buscamos, ainda, estabelecer uma diretriz de como adquirir e cultivar a fé robusta, a qual traz consigo o exercício de inúmeras outras virtudes a ela relacionadas, bem como as formas pelas quais se poderia dizer que a fé é capaz de transformar a humanidade.

Palavras-chave: Fé. Poder. Humanidade. Transformação. Virtudes. Moral. Espiritismo.

1. INTRODUÇÃO

Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé. E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria [1].

Jesus nos fala com segurança e beleza sobre a fé inabalável, esta virtude sublime que, ainda pequenina como um grão de mostarda (uma das menores sementes que existem), consegue o resultado a que se almeja, em razão das forças que faculta e da inspiração que propicia ao homem [2].

Tendo em mente, portanto, a importância e o poder que Jesus atribuiu à presença e exercício da fé, conforme se pode confirmar em diversas passagens bíblicas, além da relatada acima [3], este estudo pretende identificar as formas como ela pode ser cultivada de forma robusta e verdadeira.

Ao final, é feito um paralelo entre o desenvolvimento dessa fé inabalável com o progresso humano, respondendo-se ao questionamento se a fé pode figurar como um mecanismo de transformação moral e espiritual da humanidade e como essa atuação se daria.

A relevância do tema se faz evidente em razão dos grandes desafios que acompanham nossa jornada evolutiva, os quais demandam que nos recobremos das mais variadas ferramentas e armaduras que possam nos auxiliar a enfrentar e superar as dificuldades que fazem parte do crescimento evolutivo, especialmente nos chamados “tempos modernos”, em que verificamos um assustador aumento dos mais variados casos de doenças morais e psíquicas, aos quais, infelizmente, muitos de nós acabamos sucumbindo. Diante dessa problemática, escolhemos analisar a fé como uma das possíveis ferramentas para vencer as dificuldades de nossa existência.

Desta forma, procuramos apresentar, primeiramente, o conceito de fé, as diferenças da fé humana e divina e da fé cega e raciocinada, e o papel do Espiritismo nessa última. Ato contínuo, discutiremos acerca da aquisição da fé e das virtudes que a acompanham; e, por fim, tecemos uma reflexão acerca do papel da fé na transformação da humanidade.

2. A FÉ

Podemos dizer que a palavra fé, levando em conta a sua etimologia, possui duas origens. A primeira deriva do termo grego *pistia*, que quer dizer acreditar e/ou confiar em algo que não possa ser provado. A outra vem do latim *fides*, que também possui o sentido de acreditar, mas agrega, a este, o conceito de fidelidade.

Quanto às definições contidas nos livros espíritas, optamos pela que nos brinda Emmanuel em “O Consolador”:

354 –Poder-se-á definir o que é ter fé?

– *Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.*

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”. [4] (grifo nosso)

Vemos, portanto, que a fé está ligada ao ato de acreditar firmemente. Mas devemos fazer uma diferença quanto às bases em que se funda a nossa fé, podendo ser esta humana ou divina, e esta última, cega ou raciocinada.

A fé é humana ou divina, “conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras”. [5]

Assim sendo, esclarecemos que é justamente sobre a fé divina de que esse artigo se ocupa, aquela que diz respeito à confiança que se deposita em Deus, e no relacionamento que daí se constrói.

Essa fé, podemos dizer que é um sentimento inato da criatura humana [6], é a consciência que o indivíduo tem “de suas faculdades, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação de sua própria vontade” [7].

Essa fé divina, quando raciocinada, nenhuma obscuridade deixa, pois se apoia nos fatos e na lógica. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão por que compreendeu. Eis porque então a verdadeira fé inabalável não se dobra, visto que esta pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade [8]. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo que se deva crer e, para crer, não basta ver: é preciso, sobretudo, compreender [9].

À essa fé raciocinada, por sua vez, se contrapõe a fé cega, a qual, “nada examinando, [...] aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentando no erro, cedo ou tarde desmorona” [10].

A evolução da fé cega à fé raciocinada compreende um processo natural em razão da ausência de sustentação, ao longo do tempo, dos dogmas defendidos pela primeira, pois, “não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida” [11], produzindo, desta forma, grande número de incrédulos.

Nesse contexto, optamos por discorrer um pouco mais a respeito dessa transição da fé cega à fé raciocinada e do papel do Espiritismo nesse processo.

2.1. A EVOLUÇÃO DA FÉ NO OCIDENTE E O PAPEL DO ESPIRITISMO

Podemos observar que o papel da religião foi o de conduzir o comportamento da sociedade, por meio de regras de conduta estipuladas, tendo como fundamento os desejos e orientações de um ser sobrenatural, que poderia lhes imputar diversos castigos ou prêmios, caso estivesse descontente ou contente com as suas práticas. Estabelecia-se, portanto, um controle de conduta baseado no temor e no sobrenatural.

Inicialmente, acreditava-se que os fenômenos da natureza eram regidos pelos espíritos. Não por acaso eram considerados como deuses o sol, a lua, o trovão e outros. Com o surgimento das civilizações antigas, temos já um avanço, pois, apesar das religiões continuarem politeístas, passaram a enxergar um caráter mais humano em deuses e espíritos, e isso pode ser constatado analisando-se as religiões da Grécia, do Egito e da Roma antiga.

Apesar dessas regras estarem carregadas de dogmas e misticismo, elas foram muito importantes para favorecer a unidade dos agrupamentos humanos e colocar os homens como portadores de um sentimento comum, como podemos constatar em várias passagens do Velho Testamento:

Em ti confiarão os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, nunca desamparaste os que te buscam! [12]

Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. [13]

Eis que Deus é a minha salvação; nele confiarei, e não temerei, porque o SENHOR DEUS é a minha força e o meu cântico, e se tornou a minha salvação. [14]

O Senhor é bom, ele serve de fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele. E com uma inundação trasbordante acabará de uma vez com o seu lugar; e as trevas perseguirão os seus inimigos. [15]

Percebemos, portanto, com as transcrições acima, que a fé, ainda que cega, foi fundamental na história da humanidade, não somente pelas normas sociais que impôs, mas pelo próprio sentimento de grandeza, coragem, e confiança que inspirou os homens ao progresso e a grandes realizações, certos de que as suas divindades os sustentavam em seus feitos.

Essa forma de pensar pode ser identificada em muitos povos, mas foram os hebreus os primeiros a professar a crença em um Deus único, um ser supremo que seria o criador de todo o universo e de tudo que existe. Esse avanço foi fundamental para o entendimento da religião como temos hoje.

A partir da crença num Deus único é que foram lançadas as bases para a encarnação de Jesus Cristo e o advento da Boa Nova. E assim surgiu a primeira religião cristã, com o advento da Igreja Católica. A história dos católicos tem diversos pontos conflitantes entre a razão e o fanatismo. Isso atingiu seu ponto máximo na Idade Média quando pessoas eram queimadas em praça pública ou com o advento de guerras em nome de Deus (Cruzadas). Por outro lado, ainda na Idade Média, surgem pensadores como São Tomás de Aquino, que foi um dos primeiros a afirmar que a fé deveria andar junto com a razão.

Com o tempo, a Igreja Católica perdeu a sua hegemonia como única religião cristã, advindo diversas outras formas de interpretar os ensinamentos de Jesus e os estudos bíblicos, iniciando-se esse rompimento com a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, em 1517.

Foram esses os principais avanços das manifestações religiosas no ocidente até a chegada do Consolador prometido por Jesus, a Doutrina Espírita [16], a qual se funda, desde o seu surgimento, em bases firmemente apoiadas na razão. Entretanto é pertinente a indagação sobre a origem da fé raciocinada. Ela nasce com o Espiritismo?

Cremos que não, pois identificamos, em Jesus e seus ensinamentos, a semente da conjunção da fé com a razão, pois vemos claramente que sua fala mansa e humilde, precisa e firme, era dirigida aos sentimentos, mas também à inteligência. Suas lições sempre foram pautadas no diálogo, através do qual propunha um exame racional daquilo que ensinava, rompendo com vários dogmas professados de forma cega à época como, por exemplo, realizar curas aos sábados [17] e apedrejar pecadores [18].

O Espiritismo, por sua vez, vem aprofundar ainda mais as lições de Jesus, atuando, lado a lado com a razão e a ciência, conforme nos esclarece Kardec em “A Gênese”: “O Espiritismo e a ciência se completam reciprocamente. A ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação” [19].

Não por acaso o Espírito de Verdade, nos orienta com a máxima: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo” [20].

Entendemos, portanto, que as bases da evolução da fé cega para a fé raciocinada já haviam sido lançadas por Jesus, e seguiam evoluindo a passos lentos por pequenas mudanças e propostas, apresentadas por alguns reformadores do pensamento religioso, até o advento do Espiritismo, que veio solidificar esse processo.

3. AAQUISIÇÃO DA FÉ E DAS VIRTUDES QUE AACOMPANHAM

Existem muitas virtudes que se encontram intimamente ligadas à fé, como a humildade, a resignação, a calma, a paciência e a confiança, por exemplo, de forma que o aprimoramento de quaisquer delas terá a sua parcela de contribuição no fortalecimento da primeira.

Porém, se temos que eleger um único caminho prioritário, aquele que a ele todas as demais coisas se acrescentarão, ousamos sugerir a priorização do estudo e reflexão sobre as leis divinas, pois esse é o caminho que, seguramente, levará à compreensão das regras que regem o universo, motivando-nos, cada vez mais, a nos comportar de acordo com essas regras.

A confiança absoluta em Deus e sua justiça, e, portanto, o fortalecimento da fé, possui estreita correlação com o grau de conhecimento, entendimento e compreensão de suas leis a que nos dedicamos adquirir ao longo dos séculos, tanto na condição de espíritos encarnados, como na erraticidade [21].

Deus, na sua infinita sabedoria e misericórdia, nos concedeu a graça de termos essas leis inscritas em nossa consciência, de modo que, qualquer um que as busque, poderá encontrá-las dentro de si. E ainda, nos presenteou com a encarnação de inúmeros espíritos superiores que vieram nos revelar suas verdades, dos quais, o maior de todos, foi Jesus [22].

O conhecimento, portanto, está ao alcance de todos, de forma que possamos refletir sobre ele e fundar a nossa fé não só na crença pura e simples, mas também na razão, conforme nos orienta Joanna de Ângelis: “Realiza-se, porém, a fé, na sua plenitude, quando é consequência da razão” [23].

Assim sendo, a partir do momento em que o indivíduo reconhece que pertence a uma única família universal e que somos todos irmãos, deixa de se entregar à indiferença e ao egoísmo, e passa a cultivar as virtudes do amor, da caridade e do altruísmo. Afinal, a verdadeira fé é produtiva, é corolário da esperança e da caridade, e, figurando com estas, uma trindade inseparável [24] manifesta-se por meio de suas obras, pois sem obras, a fé é morta [25].

A partir do momento em que compreendemos a pluralidade das existências, deixamos de nos entregar à revolta e à amargura por viver desafios existenciais dos quais desconhecemos a causa, e passamos a ter a certeza de passar por atribulações necessárias à expiação e reparação de erros cometidos no passado, enfrentando tudo com resignação e confiança na Justiça Divina.

Quando reconhecemos que estamos sempre acompanhados e amparados por Deus e pela espiritualidade amiga, desde que assim desejemos, deixamos de nos entregar à solidão em momentos em que pareçamos estar sozinhos, e passamos a ter como companhias constantes a alegria e gratidão pelas bênçãos divinas.

Quando reconhecemos nossas fraquezas e imperfeições, conseguimos perdoar aquele que nos fere, porque sabemos que, como ele, também precisamos de perdão pelos nossos erros. Assim, cultivamos nossa humildade e nossa compaixão.

Ao possuir a certeza da vida futura, deixamos de sofrer pelas dificuldades momentâneas da encarnação presente, certos de que a colheita de nossos esforços se fará, se não nesta vida, na vida futura que se descortinará no plano espiritual. Desta forma, desenvolvemos paciência, serenidade e abnegação.

Com esses exemplos, procuramos, portanto, deixar clara a importância da compreensão e da certeza das leis de Deus para a aquisição e prática da fé verdadeira e inabalável, ou seja, daquela que se fundamenta na razão, podendo ser adquirida e desenvolvida pela nossa disposição em praticá-la em nossos desafios diários e, sobretudo, pelo estudo do Evangelho de Jesus, observação da própria natureza ou até mesmo, por meio da meditação, conforme nos esclarece a Questão 626, do Livro dos Espíritos [26]:

626. Só por Jesus foram reveladas as leis divinas e naturais? Antes do seu aparecimento, o conhecimento dessas leis só por intuição os homens o tiveram?

“Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Desde os séculos mais longínquos, todos os que meditaram sobre a sabedoria hão podido compreendê-las e ensiná-las. Pelos ensinamentos, mesmo incompletos, que espalharam, prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da natureza, possível foi ao homem conhecê-las, logo que as quis procurar. Por isso é que os preceitos que consagram foram, desde todos os tempos, proclamados pelos homens de bem; e também por isso é que elementos delas se encontram, se bem que incompletos ou adulterados pela ignorância, na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie.” (grifo nosso)

No entanto, é importante esclarecer que não basta o conhecimento, por si só, das leis divinas para a aquisição e fortalecimento da fé, se esse conhecimento permanecer apenas no campo da razão, o que é comum acontecer. É preciso que esse entendimento, além de raciocinado, seja também sentido e vivido.

E como poderemos fazer essa transição? Somente por meio das experiências emocionais, que compreendem a dor, o sofrimento, as dificuldades, a alegria, a gratidão, a amizade, enfim... essencialmente por meio dos sentimentos que afloram ao viver em sociedade, e permitem que sejamos confrontados com tudo aquilo que está fora do nosso controle, forçando-nos a olhar,

portanto, pra dentro e, assim, assumirmos o controle de nós mesmos e da forma como escolhemos ver e vivenciar nossas experiências.

Esse é o caminho que pensamos nos levará, sem desvios, ao exercício da fé explicada por Jesus: a crença, acompanhada da compreensão. O caminho inverso, é oportuno ressaltar, não garante essa estrada tão retilínea, fazendo-nos, por vezes, ter uma falsa impressão de fé inabalável, quando esta nos penetra somente pelo campo da emoção, nos fazendo vivenciar a chamada fé cega, baseada em dogmas que não admitem comprovação, e que se opõe aos avanços da história e da ciência.

Vale destacar que o conhecimento que embasa a fé raciocinada pode manifestar-se de forma consciente ou inconsciente. Neste último caso, apesar de esquecer, temporariamente, o que sabemos a respeito das leis de Deus, conservamos a intuição do que cremos e compreendemos no passado [27]. Nesse caso, não se trata do exercício de uma fé cega, pois baseia-se, ainda, nas experiências e, portanto, no aprendizado pretérito, mesmo que inconsciente.

Ora, é comum verificarmos entre as pessoas maior facilidade ou dificuldade de exercer a fé diante das dificuldades da vida. Há aqueles que a exemplificam sem maiores dificuldades, como se aquela forma de agir e pensar já lhe fosse há muito tempo familiar e, até mesmo, inata (nascida com eles). Já outros, no entanto, caminham em direções opostas, deixando-se levar por sentimentos tais como revolta, preocupação, inquietação, pessimismo, desespero, dúvida, orgulho, egoísmo, dentre tantas outras amarguras que os envolvem ao enfrentar as menores contrariedades.

A explicação decorre, justamente, dessa diferença de aprendizado já adquirido pelo espírito, pois, enquanto no primeiro grupo eles conservam de forma inconsciente o conhecimento pretérito, no segundo, eles ainda têm essa compreensão a realizar. Vejamos:

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo *inata*; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao renascerem, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra [28]. (grifo nosso)

Diante, portanto, dessas diferenças expostas quanto ao exercício da fé cega e raciocinada, ressaltamos que somente a fé que se desenvolveu com base *na razão e no sentimento* é capaz de permanecer com raízes sólidas em nossa existência, e prosperar por meio da produção de frutos.

4. A FÉ TRANSFORMADORA DA HUMANIDADE

O indivíduo que percorre o caminho do aprendizado das leis de Deus, por meio da sua inteligência racional e emocional e, portanto, aprende a confiar naquilo que não vê, mas que conhece e compreende, transforma-se em verdadeira luz que irradia ao seu redor.

Por meio da transformação que ocorre em seu interior, com a mudança em seus pensamentos, sentimentos e comportamento, é possível favorecer a transformação, igualmente, do seu entorno.

Daí porque sugerimos que a fé inabalável, robusta e produtiva, figura como um grande fator de transformação da humanidade, iniciando, primeiramente pela modificação do indivíduo, ou seja, pela sua reforma íntima, a qual possui intrínseca relação com o exercício da sua fé, pois “a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração” [29].

A forma de irradiação dessa transformação, do indivíduo para a sociedade, identificamos que poderia ocorrer, principalmente, por meio: 1. das obras; 2. do exemplo; 3. das vibrações.

As obras correspondem ao amor em ação, à caridade e o auxílio ao próximo. O exemplo significa a forma de encarar as provações da vida, que inspiram aqueles que nos observam. As vibrações referem-se aos pensamentos e sentimentos que emanamos nas mais diversas situações, os quais podem, muitas vezes, contagiar as pessoas ao nosso redor, por meio da ação magnética.

No subitem “Proveitos do sofrimento para outrem”, constante do Capítulo V (Bem-Aventurados os Aflitos), do Evangelho Segundo o Espiritismo [30], encontramos interessante referência às contribuições que o exercício da fé robusta poderá trazer àqueles que convivem conosco:

Os que aceitam resignados os sofrimentos, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham somente em seu próprio benefício? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos a outrem?

Podem esses sofrimentos ser de proveito para outrem, material e moralmente: materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. *Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os desgraçados à resignação e salvá-los do desespero e de suas consequências funestas para o futuro.* – São Luís. (Paris, 1860.) (grifo nosso)

Ainda sobre o poder do exemplo e da capacidade de contágio da fé:

A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. *Pregai pelo exemplo da vossa fé, para a incutirdes nos homens.* Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da fé [31]. (grifo nosso)

Já quanto à relação da fé com as obras que são produzidas como consequência natural dela, cumpre-nos destacar:

Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou. A esperança e a *caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável* [32]. (grifo nosso)

Como exemplo do poder das vibrações, trazemos os seguintes dados, constantes da matéria publicada na Revista Planeta, intitulada “Meditação no combate à violência” [33]:

[...] um dos estudos mais interessantes nesse aspecto foi desenvolvido em 1983, durante o auge da guerra entre Líbano e Israel. ‘Descobrimos que nos dias em que o grupo de meditadores teve o máximo de participantes (e também no dia seguinte a eles), os níveis de conflito tiveram redução de cerca de 80%’, afirmou Hagelin numa palestra realizada em 2007 para o Instituto de Ciências Noéticas (Ions, na sigla em inglês). ‘Isso se tornou um efeito estatisticamente significativo e surpreendente, porque havia apenas entre 600 e 800 pessoas meditando no meio desse conflito inteiro e da altamente estressada população circundante.’

[...]

Hagelin salientou um dado curioso observado: as pessoas instaladas na vizinhança geográfica dos grupos também apresentaram mudanças, tal como se elas também estivessem meditando. Esses indivíduos registraram aumento na coerência em eletroencefalograma (um sofisticado método de análise quantitativa que fornece evidências sobre a microestrutura do cérebro, sua fiação e seus circuitos), redução de cortisol no plasma e níveis mais elevados de serotonina no sangue, além de alterações bioquímicas e neurofisiológicas. ‘Quando juntamos todos esses estudos’, afirmou Hagelin, ‘a possibilidade de que as reduções dos índices de violência observadas representassem simplesmente uma coincidência – um feliz acaso estatístico – foi de menos de um em 10 milhões de milhões de milhões’.

Apesar dos estudos acima terem sido conduzidos num ambiente de meditação coletiva, é inegável a força que possui o nosso pensamento e as nossas vibrações, ainda que individualmente emanadas, para contagiar e transformar o meio em que vivemos. Nesse sentido, extraímos as seguintes explicações constantes do Evangelho Segundo o Espiritismo:

O pensamento malévolo determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. *O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio.* Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo [34]. (grifo nosso)

O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível [35]. (grifo nosso)

Dessa forma, conforme os exemplos acima, procuramos demonstrar que o exercício da fé traz consigo inúmeros desdobramentos, que multiplicam os seus benefícios, iniciando-se pela reforma íntima do indivíduo e pelo fomento de diversas virtudes, tais como calma, paciência, perseverança, otimismo, caridade, humildade, resignação, dentre tantas outras, permitindo que o indivíduo seja capaz de iluminar todo o seu entorno, por meio das obras produzidas pela fé sincera e ativa, pelo exemplo individual que fornece no enfrentamento e superação das provações vividas e também pela modificação dos fluidos mentais do ambiente em que se encontra.

Não se trata de afirmar que, fatalmente, aquele que tem fé consegue transformar tudo e todos ao seu redor, até porque há vários fatores envolvidos em cada pessoa e situação que nos rodeia, tais como o livre arbítrio, a lei do retorno, as necessidades de reparação e expiação, dentre outros. No entanto, é possível sustentar que, para aquele que já se deixou modificar pela ação da fé sincera, o seu entorno já se encontra modificado pela mudança na sua forma de olhar e enxergar o mundo.

E quanto àqueles que têm o privilégio de conviver com alguém que busca, a todo instante, dar prova viva da fé que tem ou que, pelo menos, se esforça para ter, esses serão modificados pela sua própria vontade, a seu próprio tempo, porém as sementes lançadas por aqueles que lhe serviram de exemplo estarão sempre lá, em estado latente, prontas para germinar quando o terreno assim permitir.

E assim, concluimos que a fé é capaz de transformar a humanidade pela ação multiplicadora de virtudes no indivíduo, o qual, por sua vez, consegue modificar a sociedade que o permeia, por meio de suas ações, pensamentos e sentimentos, que lançam as bases para novas transformações individuais.

5. APRENDIZADOS

Compreender, até onde nosso intelecto permite, a importância real de se ter uma fé genuína, com enfoque no espírito imortal que somos, amplia-nos a visão para uma reflexão profunda sobre

como anda o nosso relacionamento com Deus, conosco e para com o nosso próximo. Este, o ponto principal de minha motivação para pesquisar e descobrir ainda mais sobre esse nobre sentimento de fé que todos os filhos de Deus foram capazes de desenvolver desde o momento de sua criação.

O entendimento de que a fé é algo a ser conquistado, dia após dia, com trabalho de reforma íntima permanente e consistente, torna-se um bálsamo de luz a qualquer espírito que, em seu íntimo, ainda apresente a dificuldade de sentir este sentimento nobre e renovador, de ligação estreita com Deus. O que antes poderia ser impalpável, agora, com o esclarecimento e o estudo, passa a ser palpável e possível.

Resignação, humildade e mansuetude, tornaram-se, após este estudo, motivação diária a ser adquirida cada vez mais, como forma de se ampliar e solidificar a luz de fé que sempre há brotando em cada um de nós.

Elaine Alves da Rocha

Falar sobre a fé foi algo que me remeteu ao mais íntimo do meu ser. Diferentemente do que imaginava, fé não tem nada a ver com crer e também não está ligado a dogmas ou religiões. É, na verdade, um estágio alcançado no exercício de transcender e entregar-se a Deus.

Ter fé é manter uma relação próxima com Deus, uma conquista inata que pode ser desenvolvida por todos. E nesse relacionamento, a entrega e a confiança devem ser absolutas, sem qualquer medo ou algo que macule esse sentimento.

A partir daí, florescerá, no íntimo de cada um, o amor infinito de Deus e a certeza de que somente pela fé tem-se a oportunidade de praticar a maior de todas as virtudes, qual seja o amor.

Antes, não tinha internalizado essa realidade em sua essência. Hoje, quando penso sobre a fé, entendo o porquê de ela ser a mãe de todas as virtudes, pois é por meio dela que podemos iniciar a prática desse amor divino, anunciado pela Boa Nova do Cristo.

Diante do exposto, conseguiremos sim, pela prática da FÉ, transformar a humanidade, que é a pergunta chave do trabalho.

Neiraldo Hidalgo Dixo

Aprendi que o processo da fé é singular em cada indivíduo. Aprendi que a fé raciocinada é uma evolução da fé cega e que essa evolução se processa de forma única em cada pessoa, mas em todos os casos necessita de esforço contínuo, no sentido de instruir-se e ampliar a compreensão da Boa Nova de Cristo e das leis que regem o universo.

Raphael Leone Santos Cunha

Este trabalho de pesquisa me fez compreender melhor os mecanismos de aquisição e exercício da fé, bem como reconhecer, com imensa gratidão, a graça divina em proporcionar a cada um de nós os mecanismos de conhecimento das leis de Deus, se não pelo estudo do Evangelho de Jesus ou das obras espíritas, então pela meditação e reflexão interior, de forma que ninguém se encontra privado dessa sabedoria tão essencial para o crescimento, aperfeiçoamento e fortalecimento da nossa fé e de nós mesmos. Também pude refletir sobre o meu esforço na aquisição da fé, tanto para compreender os mecanismos sobre os quais deve se fundar, de forma raciocinada, quanto para senti-la e vivê-la em meu dia a dia, por meio das obras que a acompanham, atuando, dessa forma, de maneira positiva e concreta para a transformação da humanidade.

Sarah Oliveira Cervantes

Quando o tema foi proposto, não tinha muito conhecimento sobre o real significado de tal virtude e minha visão era semelhante à da maioria das pessoas, ou seja, de que a fé se limitava ao simples “acreditar”.

Ao final do estudo, minha compreensão se modificou completamente e passei a entender que a fé, mãe de todas as virtudes, é uma conquista inata e pessoal, desenvolvendo-se ao longo das diversas encarnações, à medida que aprendemos o verdadeiro sentido do amor (maior mandamento), estando diretamente ligada ao grau de confiança e ao nível de relacionamento que se mantém com Deus.

Assim, a fé, por si só, deveria sim ser o agente transformador por excelência da sociedade, uma vez que seu termômetro indica o grau de confiança em Deus e a qualidade desse relacionamento. No entanto, no estágio atual, em que a grande maioria não tem sequer consciência da sua própria natureza espiritual e nem de filhos Dele, não se pode dissociar o amor da fé, ou seja, ambos devem caminhar lado a lado, sendo aquele a mola propulsora para a transformação da humanidade e esta o único sustentáculo capaz de manter essa renovação.

Silvana Cavalcante de Almeida Hidalgo Dixo

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que para entender o papel da fé como agente transformador, primeiramente, deve-se ter bem definido seu conceito, o qual não pode ser limitado a uma mera crença, sendo esta, apenas, o estágio inicial de tal virtude. Na verdade, seu significado é muito mais amplo, referindo-se à confiança, seja em si próprio (fé humana), seja em Deus (fé divina), mas que na sua plenitude, conjuga a confiança com o raciocínio e o sentimento.

O que se nota, portanto, é que a fé, realmente, é uma virtude inata em estado latente, que precisa ser desenvolvida por meio de uma conquista pessoal, decorrente das experiências e aprendizados vivenciados em múltiplas existências, e que se caracteriza pela confiança na providência divina, de modo que a dúvida e/ou o medo que porventura sinta inicialmente, diante das provas ou expiações a que esteja submetido, não provoque abalo significativo nas condutas morais e psíquicas do espírito.

Com o advento do Espiritismo e a ênfase na fé raciocinada, instalou-se uma nova fase na humanidade, que não mais deveria se assentar nas grandes demonstrações de fé cega que marcaram o passado, mas na crença baseada na razão e iluminada pelo sentimento.

Dessa forma, podemos afirmar que o progresso moral é resultado do autoconhecimento, sendo este fator imprescindível à evolução individual, pois alia a necessidade de rever aspectos de conduta à consciência da condição de filho de Deus, despertando e desenvolvendo a fé inata, a qual passa a ser exercida de forma natural e efetiva, decorrente de uma compreensão ampla da vida e do papel do ser humano na Terra.

E o papel da fé é fundamental nesse processo, pois, sendo a mãe de todas as virtudes [36], aproxima a criatura do Criador, fazendo com que, por meio do entendimento e do sentimento, o indivíduo passe a atuar no mundo conforme a vontade de Deus.

Assim sendo, além de favorecer a transformação e a reforma íntima, o despertar da fé frutifica todo o entorno do ser, por meio de demonstrações de esperança e caridade, as quais, junto da primeira, formam uma trindade inseparável [37].

A transformação do indivíduo, portanto, transcende a sua própria pessoa, já que em regra, não vive isolado, e, portanto, influi no meio em que se encontra, sendo capaz de modificar, com limitações, todo o seu entorno, contagiando o que está à sua volta.

Em sendo assim, por mais que se possa reconhecer a importância de outras virtudes para a transformação da humanidade, entendemos que a fé, se cultivada de forma fundamental e primeira, a ela tudo agregará, servindo como um verdadeiro ímã para transformações posteriores, tanto de forma individual como coletiva, pois como nos afirma o Espírito protetor José, no Evangelho Segundo o Espiritismo: “A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la” [38].

Por fim, encerramos com a palavra contida na primeira epístola de João: “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” [39].

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BÍBLIA. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Lucas, 17:5-6.
- [2] FRANCO, Divaldo P. *Em busca da verdade*. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 1.ed. – Salvador: Livr. Espírita Alvorada Editora, 2009, pág. 215.
- [3] BÍBLIA. op. cit. Mateus, 8:26; Lucas, 17:19; Mateus, 21:21.
- [4] XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1985, Terceira parte, item IV – Espiritismo - Fé, Questão 354, pág. 200.
- [5] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 131. ed. – Brasília: FEB, 2013. Capítulo XIX, item 12, pág. 259.
- [6] *Ibid.*, pág. 259.
- [7] *Ibid.*, pág. 259.
- [8] FRANCO, Divaldo P., 2009, op. cit., pág. 212.
- [9] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, op. cit., Cap. XIX, item 7, pág. 256.
- [10] *Ibid.* cap. XIX, item 6, pág. 255.
- [11] *Ibid.*, cap. XIX, item 7, pág. 256.
- [12] BÍBLIA. op. cit. Salmos, 9:11.
- [13] *Ibid.* Provérbios, 3:5-6.
- [14] *Ibid.* Isaías, 12:2.
- [15] *Ibid.* Naum, 1:7-8.
- [16] XAVIER, Francisco Cândido. op. cit. Terceira parte, item IV – Espiritismo - Fé, Questão 352, pág. 120.
- [17] BÍBLIA. op. cit. Lucas, 14:1-6.
- [18] *Ibid.* João, 8:7.
- [19] KARDEC, Allan. *A Gênese*. 53.ed. – Brasília: FEB, 2013, capítulo I, item 16, pág. 23.
- [20] *Id.* *O evangelho segundo o espiritismo*, op. cit. Capítulo VI, item 5, pág. 107.
- [21] *Id.* *O Livro dos Espíritos*. 93. ed. – Brasília: FEB, 2013, questões 227 e 230, págs. 198 e 199.
- [22] *Ibid.* questões 619, 621 a 622 e 625, págs. 379 a 381.
- [23] FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. 9. ed. – Brasília: FEB, 2011, Capítulo 14 – Fé, pág. 113.

- [24] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. op. cit Capítulo XIX, item 11, pág. 258.
- [25] BÍBLIA. op.cit. Tiago, 2:17.
- [26] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. op. cit., questão 626, pág. 381.
- [27] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. op.cit. Capítulo XIX, item 7, pág. 255.
- [28] *Ibid.* pág. 255.
- [29] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. op.cit. Capítulo XIX, item 11, pág. 258.
- [30] *Ibid.* Capítulo V, item 31, pág. 103.
- [31] *Ibid.* Capítulo XIX, item 11, pág. 258.
- [32] *Ibid.*, pág. 258.
- [33] ARAIA, Eduardo. *Meditação no combate à violência*. Revista Planeta. Ed. 431, 2008.
Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/meditacao-no-combate-a-violencia/>
- [34] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. op.cit. Capítulo XII, item 3, pág. 166.
- [35] *Ibid.* Capítulo XIX, item 5, pág. 254.
- [36] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. op.cit. Capítulo XIX, item 11, pág. 258.
- [37] *Ibid.*, pág. 258.
- [38] *Ibid.*, pág. 258.
- [39] BÍBLIA, op.cit. 1 João, 5:4.